

O Futuro do Livro e o Livro do Futuro

(Universidade e Cultura Digital)

Jorge Campos / Pucrs

Introdução:

A primeira parte do título diz respeito a algumas considerações sobre o debate que envolve a natureza e destino do livro impresso(LI) na transição para uma cultura digital; a segunda parte refere-se a reflexões sobre a emergência dos livros eletrônicos(LE), conhecidos como e-books, em suas perspectivas de futuro, sendo que a última parte é dedicada a conjecturas sobre o processo de cultura digital e seu impacto sobre a expressão de conhecimento na universidade.

1 O Futuro do Livro Impresso: A natureza e o destino do objeto LI estão na dependência de uma relação interativa com a cultura de transição e com as formas de vida que se seguem.

1.1 O Contexto do Debate Revisitado

O Futuro do Livro foi o tema de um evento realizado em San Marino em 1994 e conseqüente roteiro de uma obra organizada por Geoffrey Nunberg, dois anos depois, com a participação de inúmeros intelectuais universitários interessados no assunto. Tal evento e tal obra inauguraram, em certo sentido, os debates contemporâneos sobre o tópico, principalmente pelo momento privilegiado da Internet na época. A questão central era, então, o debate sobre as perspectivas do livro impresso, tal como o conhecemos, num futuro de cultura digital. Dadas polêmicas posições como as de McLuhan, em sua *Galáxia de Gutenberg*, de que o livro tradicional tinha suas horas contadas, tratava-se de reunir argumentos para demonstrar que tudo não passava de um colossal exagero por parte de concepções tecnicistas. Esse era, sem dúvida, há pouco mais de dez anos, um dos primeiros momentos em que a velocidade da mídia digital começava a assustar os intelectuais da tradição. Uma das estrelas do evento e da referida publicação, o semiótico e escritor, Umberto Eco, *afterword* da obra, liderava a posição de cautela e defesa do livro impresso, ainda que demonstrando entusiasmo com a evolução das diversas mídias digitais. Eco considerava que McLuhan havia falhado espetacularmente em pelo menos duas de suas proféticas previsões: uma, a de que a imagem se sobreporia radicalmente à escrita; a outra, a de que o livro sucumbiria inevitavelmente diante da multimídia emergente. Para o intelectual italiano, essa história de “isto matará aquilo”, é um engano que atravessa os séculos e tem suas

origens já na cultura clássica. Platão, em Fedro, descreve o momento em que Theut, ou Hermes, apresentava a sua invenção das letras ao faraó Thamus, em nome do progresso que o uso da escrita traria à história e seus registros. Thamus argumentava na direção contrária. A referida invenção poderia estimular a acomodação e atrofiar a memória humana, sendo, portanto, indesejável. Ali já começava a idéia medo-do-progresso, o temor de que a escrita mataria a capacidade de memorizar, o mito de que a evolução da técnica sempre deve ser vista com suspeita. Na literatura, Eco também encontra respaldo para seu raciocínio. Frolo, no Corcunda de Notre Dame de Hugo, também exclama temeroso “Ceci tuera cela”, comparando o livro e a escrita à catedral e suas imagens. Eco considera um exagero e uma ilusão de proporções históricas pensar que a mídia digital pode acabar com o livro. Mas a metáfora aterradora da morte do livro não tem preocupado apenas os amantes e saudosistas da forma tradicional de ler. Na própria mídia digital, nos últimos anos, têm aparecido páginas de instituições e blogs dedicados ao tema do livro. É o caso do Institute for the Future of the Book, filiado à University of Southern California, com sede em New York e na Europa, e do blog If:book que defendem a necessidade de um trabalho de construção criteriosa, dentro dessa fase de transição, em que os bons valores da cultura e os interesses humanos devem-se sobrepor ao caráter muitas vezes desvirtuado da evolução tecnológica. As idéias de Eco e outros que tentam evitar esse tipo de sensacionalismo mancheteiro trazem, de fato, um indiscutível apelo à preservação de valores culturais de sedimentação milenar e que não podem ir pelo ralo com slogans de efeito tipicamente publicitário. Tudo muito bem encaminhado, ancorado na prudência, mas nem por isso irretocável e indiscutível. Desde o início, a evolução tecnológica envolve, inevitavelmente, toda uma mudança cultural, ou de forma de vida das pessoas, o que se agrava neste início de milênio. De fato, há uma interpretação histórica desse tipo de progresso como uma espécie de darwinismo tecnológico. Nos momentos de forte transição, alguns artefatos sobrevivem outros não. Pensava-se, por exemplo, que a TV mataria o cinema e, logo em seguida, que o DVD o enterraria. Não aconteceu. De maneira análoga, que o DVD liquidaria com o disquete e o VHS. E aí aconteceu. De forma similar, que o MP3 acabaria com os CDs, e isso está parcialmente acontecendo. Que o computador e os e-books entrariam na mudança de milênio encerrando a carreira do livro impresso. E isso não está acontecendo assim. Como se explicam tais diferenças? Arrisco-me a uma resposta simples. Há uma grande e radical diferença entre um possível fim do livro ou do cinema e o fim dos disquetes e VHSs. O diferencial é o tempo, a densidade histórica dos

processos culturais e as formas de vida em que tais processos estiveram e estão profundamente incrustados. Em outras palavras, o livro e o cinema não são apenas objetos mediadores, instrumentos que se substituem na mesma faixa de utilitarismo, como o disquete e o Cd, eles representam maneiras de viver e de ser. Tanto um como o outro, paralelamente à sua existência de portador de conteúdo, tem uma existência enraizada socialmente enquanto objetos e práticas de nossas vidas. Pode, por exemplo, acontecer que o livro impresso exista e, ainda assim, o processo de leitura se modifique, ou vice-versa. E são essas formas de leitura que podem determinar mudanças substanciais. A revista, talvez, com sua adequação ao conhecimento básico, às informações científicas e culturais, com suas imagens de qualidade superior, com sua portabilidade e facilidade de leitura, com seu custo menor, com sua atualização semanal, ela, sim, pode representar uma séria ameaça ao reinado do livro típico, especialmente hoje quando há milhares delas tratando de assuntos culturais e científicos relevantes. Muita gente acredita na estatística de que a leitura e o consumo de livros aumenta. Sim, mas não proporcionalmente ao aumento de leitores, nem ao aumento da leitura de revistas e jornais. Mas não será a revista que matará o livro. Se ele for enfraquecendo, terá sido traído pelo que sempre o animou, a forma de leitura dentro de uma forma de vida. Também não será o e-book que acabará com ele, mas o fato de que ele talvez não se adapte perfeitamente ao celular, ao computador, à prensa digital do leitor, à velocidade das informações atualizadas, à blogosfera, à infosfera, à cibercultura, formas de leitura e de vida, enfim, dentro das quais as pessoas possam vir a conviver. Mas, certamente, isso não acontecerá por decreto, mesmo autorizado pela competência profética de McLuhan. Também não deixará de acontecer apenas pelas advertências e responsabilidades prudentes de U. Eco. Nessas horas, raciocínio cauteloso para agradar ao senso comum dos intelectuais e leitores sérios pouco resolve. Se há algo que se possa vislumbrar para o futuro virá via imaginação, criatividade e sensibilidade para a inovação sem medo do custo existencial ou do envelhecimento. Bil Gates é uma verdadeira metáfora da transição cultural. Abandona precocemente a academia, provoca um enorme impacto sobre a vida das pessoas de sua época, vira o homem mais rico do mundo, aposenta-se aos cinquenta e se dedica à filantropia; e, de quebra, recebe o título de doutor. Não, Eco é muito sério para saber o que vai acontecer com o papel do livro numa sociedade globalizada. Pergunte-se a Gates. Ambos dirão coisas díspares e estranhas, mas o segundo estará mais perto. O que será do livro impresso dependerá de como ele possa vir a ter interfaces amigáveis com outros objetos dentro de um sistema

que faça sentido para a sociedade do futuro. Isso posto, a pergunta sobre se o livro impresso sobreviverá deverá ser antecedida pelas perguntas sobre qual será a forma de leitura e cultura no futuro e se o livro impresso padrão atual satisfará tal forma. Uma coisa é certa, a leitura da escrita, milenar em sua história de produção de conhecimento, não desaparecerá como por encanto, sem que processos análogos entrem em cena. Da mesma forma, a chama do livro não se apagará simplesmente. Um pouco de história ajudará a entender.

1.2 O Livro, a Escrita, uma História de Intersecções Complexas

O surgimento da escrita, cujas origens obscuras apontam para 7000 anos AC, representa uma tal importância na trajetória humana, que define a própria noção de história. As fontes de informação são consideradas suficientemente seguras para caracterizar o início da História, à medida que estão assentadas num sistema escrito que dá origem, ele mesmo, ao processo de historicidade. A proto-escrita, representada pela forma pictográfica, consistia numa expressão icônica em que sinais, desenhos e objetos buscavam semelhança com o objeto que representavam. A passagem para a expressão ideográfica foi um enorme passo evolutivo em que as imagens podiam alcançar a forma abstrata das idéias num processo não só icônico, mas inferencial, indicial e simbólico, para lembrar a concepção peirceana. Talhadas na argila ou na pedra, não consta que a escrita, mesmo em suas formas embrionárias, fosse identificada e confundida com o suporte físico que a sustentava. O processo comunicativo sempre se deu, nesse sentido, entre as pessoas, através, essencialmente, daquilo que começava a ser uma espécie de código, e não da pedra, da argila, ou o que quer que fosse o loci físico do processo. Da escrita cuneiforme à escrita fonética e, posteriormente, a alfabética, de origem fenícia, à qual os gregos acrescentaram as vogais, o processo evolutivo culminou com a constituição de, enfim, um verdadeiro sistema, e o início de uma potencialidade de transferir abstração, que até hoje ainda se mantém. A universalidade do código escrito atingiu, certamente, seu esplendor com a invenção da imprensa na Idade Média e, recentemente, com a globalização da Internet. Mas isso não deve obscurecer o entendimento da diferença crucial que existe entre a natureza da linguagem e a natureza do meio em que se propaga. A história do livro, por sua vez, paralela e interseccionada com a da escrita, deve ser revisitada em algumas de suas propriedades específicas. Ela vai da argila ao Kindle, do papiro ao iPhone, do impresso ao digital. De fato, agora é a historicidade do veículo que está em pauta. O roteiro é o da evolução do suporte, da forma mais simples de saibro, passando pela pedra, pela casca

de árvores, pelo papiro, pergaminho, códice, papel, chips, e, até, o corpo humano tatuado, como diria Bradbury em seu *Illustrated Man*. Na verdade, o homem inventou a escrita, e, numa primeira instância, a escrita inventou o livro. A história desse fantástico instrumento é a expressão de uma sociabilidade inerente à natureza humana. A pedra era difícil de ser movida, mas já podia ser compartilhada; o papiro já era o embrião do livro, mas era frágil e era caro. O pergaminho era um passo a mais na direção da democratização do conhecimento, via volumem, rolo que se desenrolava. O códice, as páginas, a forma do livro, o papel e, finalmente, a imprensa, viriam na seqüência. Sim, a evolução das formas avançava, e o livro estava adquirindo sua constituição ontológica, uma existência própria, uma autonomia relativa, ainda que não fizesse sentido imaginá-lo, fossem suas páginas brancas e vazias de escrita. No desenho de Gutenberg, o livro atingiu uma dimensão de muitos séculos é certo, mas, diga-se claramente, tem vida adolescente em seus quinhentos e poucos anos, se comparado aos seus ancestrais com vida de milênio. Sim, a história do livro impresso é incomparavelmente mais curta do que a dos suportes que lhe antecederam. O que o diferencia dos veículos mais antigos, o que lhe empresta um ar de grandeza incomparável é a sua popularidade nunca alcançada antes e seu duradouro casamento com os monges dos mosteiros e com os intelectuais da academia desde seus fundamentos medievais. A portabilidade do livro, o artesanato dos copistas do *scriptorium*, a iconografia do conhecimento sistemático, a credibilidade bíblica, o papel messiânico dos ensinamentos aos estudantes, a nobreza das coleções e de seus proprietários, tudo passou pelo livro impresso. Mas eis que ele está sendo surpreendido em seu casamento de mais de cinco séculos. Uma paixão, com algum pudor é verdade, de intelectuais e professores por máquinas inteligentes ameaça a sua historicidade e, pior, empurra a escrita, sua irmã de sangue, para também fazer parte desse dramático adultério. Algumas conclusões, entretanto, não podem deixar de ser assumidas. É preciso pensar, primeiramente, sem nenhum desespero, que o papel não matou a pedra, não matou o saibro, nem a pele de ovelha, quando lhes retirou conteúdo. Apenas lhes subtraiu a nobreza da função de roupagem principal da escrita. Mas, convenhamos, sempre seria um tanto injusto com a linguagem, deixar sua milagrosa natureza em segundo plano, para idolatrar suas vestes. Tem sido, aliás, uma paixão um tanto inescrupulosa e consumista a metonímia histórica do livro pelo seu conteúdo. Slogans do cotidiano expressam esse efeito de linguagem. Dizemos: li muitos livros, o livro é insubstituível, é um livro de auto-ajuda, amanhã, farei o lançamento de meu livro, escrevi um livro, é um livro importado, é de bolso, é caro demais, etc., em que se

fala mais de um objeto, de um produto, do que de um processo, de uma semântica. Tais eventos em que a obra impressa é protagonista sugerem uma excitante aventura cultural, quando o verdadeiro espírito do livro – conjunto de idéias que contém - parece apenas acompanhar a peripécia do ícone charmoso que a sociedade conhece e venera no ritual da mitificação. Realmente, numa sociedade de consumo acriterioso, muito se fala do livro, pouco se diz da leitura; muito se fala da sua importância pedagógica, pouco se diz da qualidade do que contém; muito se fala de seu sucesso, pouco se comenta sobre o impacto de seu conteúdo; muito se cultiva na vitrine das livrarias e pouco se lê; muito se percorre o olhar sobre a capa e o sumário, e pouco se mergulha nele. Pois bem, assim como anteriormente redimensionamos a pergunta sobre o livro impresso, entendendo-o dentro de um contexto cultural mais complexo, assim fizemos um pouco de história para melhor compreender que não se pode reduzir a linguagem humana e a expressão escrita que ela assume, propriedade distintiva da espécie, a um processo de objetificação tipo pergaminho, livro, ou Cd. Chomsky, para quem a linguagem está enraizada numa estrutura inata como uma gramática universal, diria a mesma coisa sobre a sintaxe subjacente aos processos de escrita. As línguas do mundo têm algo em comum porque são epifenômenos da capacidade inata para a linguagem; e o código escrito que as representa também deve expressar propriedades da gramática universal. Dada tal universalidade, algo que termina também por ser explicado é por que povos antigos de diferentes raças e de civilizações diferentes produziram escritas semelhantes, lineares, por exemplo, mesmo com superfícies variadas. Aquelas que vão da direita para a esquerda como o árabe e o hebraico, ou da esquerda para a direita como as de tradição romana, ou, ainda misturadas, como o bustrofédon do grego antigo, em que se vai da direita para a esquerda numa linha e se volta da esquerda para a direita na próxima, mas, ainda, lineares. O que isso trivialmente implica é que enquanto por trás da escrita está a expressão de uma universalidade, as formas de tecnologias que a suportam, da argila ao chip, são historicamente circunstanciais e, por isso mesmo, mutáveis. Quando se fala da escrita, está-se ao nível da necessidade; quando se fala do suporte que a carrega, está-se ao nível da contingência. E é essa contingência do saibro ao chip que transporta a escrita o que pode naturalmente mudar. E isso não deve ser absolutamente interpretado como ofensa ou desrespeito às tradições culturais.

2 O Livro do Futuro: Um LE, um e-book, ou outro meio centrado na escrita, está na transição de uma cultura tradicional para uma cultura digital, cuja velocidade pode

provocar os desenhos mais diversos nas formas de leitura e de vida intelectual dos próximos anos.

2.1 Livro, Cultura Digital e Velocidade do Cotidiano

As transformações da natureza e da cultura existem *ab ovo* e fazem parte da história humana. O estranhamento se dá nos momentos de forte transição, quando, especialmente pela tecnologia avançada, a mesma geração enfrenta formas de vida diversas. Imagine-se o que foi para as pessoas o período entre 1876, quando Bell inventou o telefone, até 1925, origens da TV, intervalo de tempo em que apareceram, também, a lâmpada elétrica com Thomas Edison e o rádio com Marconi. Deve ter sido semelhante ao que acontece hoje com o impacto de objetos como o computador, do final da segunda guerra, cuja presença mexe com nossas estruturas de maneira radical. De fato, os últimos cinquenta anos representam um verdadeiro giro copernicano nas formas de vida social. Isso só não é absolutamente traumático, porque as invenções correspondem a uma seqüência histórica evolutiva que as gerações vão experimentando gradativamente. Sim, as descobertas científicas parecem percorrer um certo caminho, uma certa direção. Certamente, não se pode saber se a televisão teria existido não fossem algumas descobertas do início do século XIX, como a do selênio por Berzelius, ou a do fax, em 1842 com Bain, ou mesmo com a dos contornos de imagem de Baird em 1926. O que se sabe é que, no ano seguinte, Farnsworth lançou o tubo de imagens com transmissões estáveis, e virou o pai da televisão. Ainda que tendo que disputar na justiça a patente do seu invento. Analogamente, o computador de hoje já estava em embrião desde o ábaco, um tipo de calculadora já conhecida dos antigos e, talvez, não se pudesse ter chegado às formas atuais sem o algoritmo de Napier, ou as primeiras calculadoras de Schickard, a Pascaline de Pascal, ou a contribuição ao cálculo de Leibniz no século XVII. Isso para reafirmar a idéia de que a evolução é constante, complexa e de conseqüências seqüenciais. Assim, imagine-se o impacto do livro depois de Gutenberg. O quanto sua existência mudou o mundo, o que ele produziu de novas estruturas e processos na educação e no cotidiano das pessoas. Mas agora, inversamente, imagine-se a pressão da multimídia sobre o livro tradicional, o risco de ele perder a sua hegemonia cultural, para revistas, vídeos, imagens e e-books, em formas de vida mais compartilhadas e dinâmicas. Na passagem do papiro para o pergaminho, a relação custo-benefício representou muito. O segundo era mais resistente e mais barato que o primeiro, à medida que se podia, inclusive, regravar nele. E agora, como fica o livro da tradição em situação análoga? E o custo do papel e das imagens? E

as barreiras da distribuição internacional? E a dificuldade de atualização? E o tempo lento da leitura linear? Condições que, na verdade, oneram uma sociedade globalizada em que a informação é central para todas as multiformes atividades de uma comunicação complexa. Até que ponto o livro cumprirá o seu destino dentro dessa realidade emergente e de dimensões virtuais inimagináveis. em sua velocidade e inovação? Veja-se, por exemplo, o cenário típico do livro impresso tradicional e suas exigências. Em casa, numa biblioteca, ou mesmo em aula, ele exige uma certa solidão mental, um silêncio estratégico, uma reflexão consistente, uma dedicação de várias horas e, às vezes, até de dias. Lê-se com paciência, linha por linha, com concentração, como quem vai digerindo lentamente as idéias nele contidas. Captura-se o que ele diz e o que não chega a dizer, mas sugere. Lê-se, ainda, para memorizá-lo em seu essencial, para poder parafraseá-lo ou, o que é mais comum, citá-lo. E enquanto a leitura não se esgota, carrega-se-o nas mãos; na realidade, vive-se com ele por um bom tempo, investe-se no que ele contém, assume-se o que ele afirma, mesmo que seja para contestá-lo. A forma de vida “livro”, convenhamos, é muito especial e não sobreviveu a séculos por coincidência. E agora? Não parece que a correria e agitação do contexto urbano, vorazmente consumista de hoje, favoreça a prática da leitura do livro tradicional. A forma típica de ler não parece compatível com a hiperatividade dos jovens e dos profissionais carreiristas, com o barulho dos ambientes das grandes cidades, com a pressa de chegar e de sair, com as paixões do esporte, com a velocidade dos carros e da música interativa, com a cultura dos músculos das academias e com as intermináveis festas noturnas, com o sono pesado do dia seguinte, com as férias de milhões de amigos na praia. É um mundo muito agitado o que o livro impresso encontra hoje. Muito diferente daquele em que ele nasceu ornamentado pela espiritualidade sombria dos mosteiros e bibliotecas medievais. O computador, ao contrário, nasceu em ritmo de guerra fria, é o brilho da tecnologia, a pluralidade das multimídias, a arritmia das informações, o frenesi das misturas. Vídeos e imagens, músicas e sons, textos esparsos e rápidos, blogs, podcasts, ciência, cultura, ícones de todo tipo, animações, pesquisas e currículos, esportes e resultados, jornais e revistas; e também livros completos, fragmentos, abstracts, reviews, e-books, wikipedia, youtube, second life, orkut, enfim, interatividade alucinante, milhões de parceiros, web 2.0, vida intensa. Mas sempre há uma possibilidade de expectativa diferente. O mundo virtual, afinal, parece feito para conciliar as variadas formas de construção. Nem tudo são agendas de hiperatividade diária, nem todos se satisfazem indefinidamente na velocidade. O livro

da tradição pode-se reconstruir nesse contexto, até para fazer um contraponto de calma, reflexão e ação organizada no sentido de que as multidões não sejam vítimas de si mesmos e de seus descontroles. Talvez, a lição do livro ainda não se tenha esgotado e seja necessário aprender, ainda, muita coisa com sua forma silenciosa de falar. A Internet, de fato, tem algo de um interminável livro que se transforma a cada dia.. A escrita está ali, no centro de todos os portais e mesmo na interatividade dos e-mails e blogs. É uma outra leitura, é verdade, uma navegação sobre linguagens múltiplas, um jogo sofisticadíssimo de hiperlinks infinitos, enredados em mais de um milhão de páginas novas que aparecem diariamente na web. Mas, já que a escrita está ali, nada impede que se interprete tudo isso que a Internet traz como uma expansão multiforme e avassaladora da escrita. Talvez, tudo não passe de uma fantástica metamorfose do livro, que, como nos exemplos de esperteza mitológica, muda de forma para seduzir as adolescentes e encantadoras multimídias. E os LE, ou E-books, nesse caso, provavelmente não sejam senão indícios desse desejo de fundir culturas e garantir a presença da escrita mais uma vez nessa biblioteca virtual infinita. O sonho medieval de ter acesso a um mundo em que só monges e nobres conviviam pode estar-se realizando agora. Os clássicos estão todos ali. Shakespeare, Darwin e Kant, por exemplo, estão de corpo inteiro na rede. Milhares de outros, como eles, têm suas obras completas disponíveis livremente. Agora se vê, pela primeira vez na história humana, o volume incalculável de pessoas com capacidade de trocar informações de maneira despojada, em contraste com o privilégio de elites e minorias proprietárias de obras como em outros tempos. A presença de intelectuais, professores e pessoas esclarecidas produzindo na Internet é assombrosa. Milhões de home pages, de artigos completos, em Pdf de revistas especializadas, de sites especiais como o Questia, com uma infinidade de obras acessíveis pelo preço de uma única; dos portais de agências de pesquisa disponíveis às universidades, de programas em tempo real. Sim, na sociedade da informação, e da infosfera, a busca pela notícia e pelo conhecimento parece insaciável. Nunca as grandes massas estiveram tão próximas, em termos de comunicação, informativa é claro. E os internautas parecem incansáveis nesse consumo como se quisessem devorar um passado milenar de discriminações, de privilégios e de castas. Hoje já são mais de 1 bilhão de pessoas, quase 20% da população mundial, de usuários da Internet, número que deverá superar todas as expectativas a não ser que algum tsunami monumental atinja a rede. Paradoxalmente para os catastrofistas, a dita cultura

digital não exclui as expressões das formas clássicas; pelo contrário, ela é surpreendentemente inclusiva, numa forma voraz e múltipla de consumo.

2.2 Os LE, os e-books, ainda são livros no sentido dos LI ?

Os livros eletrônicos, *electronic books*, tiveram um desenvolvimento próprio, especialmente nos anos 90, representando, de início, interesses limitados na produção de manuais de hardware e software, envolvendo poderosas empresas como a Adobe, por exemplo. Pioneiras em e-books, como a Boson Books, Hard Shell Word Factory e Online Originals, fundadas nesse período, lideraram perspectivas diversificadas na idéia de comercializar tais produtos. Aos poucos, os livros eletrônicos foram-se aproximando da idéia básica de representar suas contrapartes impressas, com a diferença apenas de suporte. Se os livros da tradição ainda representavam uma gigantesca demanda no mundo inteiro, obviamente, deveria ser possível transportar tais interesses para o mundo dos computadores. Mas, isso não era tão simples como poderia parecer. Ler, linha por linha, no monitor, parecia um tanto estranho e artificial. Quem sabe, não seria boa estratégia criar uma interface mais amigável para os leitores, oferecendo-lhes dispositivos específicos para esse procedimento. Surgiram, então, inúmeros dispositivos desse tipo, conhecidos como e-book readers ou e-book devices, cuja finalidade seria fazer a transição de maneira mais suave, respeitando os hábitos de leitura das pessoas e atraindo-as para esse novo ambiente. Outros artefatos tecnológicos, certamente poderiam ser usados, como palmtops, DVDs e até celulares. Mas a questão não era apenas possibilidade de leitura, ou de eficiência de dispositivos, mas de parafrasear o prazer da leitura que o livro tradicional proporcionava. Daí a luta pelo progresso na interface. Nesse momento, o dispositivo mais atraente e típico dessa estratégia parece ser o Kindle. Trata-se de um dispositivo da poderosa livraria virtual Amazon que se destaca por suas propriedades de se assemelhar a um livro típico, sem perder impressionantes vantagens da tecnologia de computadores, ainda que não seja um computador, para não provocar suspeita. O Kindle, com peso, tamanho e visor parecidos ao de uma obra típica, permite uma estocagem de 200 livros digitais, para serem lidos onde quer que se queira. A idéia forte é a de que se restaurem nele aquelas propriedades intimistas da relação de leitura. Não é um computador, mas um livro digital com sua privacidade, em que se lê livro por livro, linha por linha, na sombra ou no sol. Adicione-se a isso um efeito de grande impacto: pode-se comprar, por preços irrisórios, qualquer livro digital da Amazon, cerca de 100.000 nesse momento, via wireless, em segundos. Nem todos, no entanto, apostam

nessa estratégia de transição não traumática. Para esses, inove ou morra. Nesse sentido, surge um aparente paradoxo do Kindle, à medida que ele parece nascer velho, já que o desenvolvimento de celulares, smartphones e pocketpcs, tipo iPhone, são muito mais completos tecnologicamente e custam praticamente o mesmo, algo ao redor de 400 dólares. Além disso, o Kindle apresentaria restrições como, por exemplo, um formato de proteção aos direitos autorais em que o usuário só pode incluir livros digitais por meio de compra, e tal arquivo fica restringido àquele aparelho, não podendo ser compartilhado, reproduzido ou modificado. Seria, então, ingenuidade, no campo da tecnologia, supor esse tipo de estratégia de investimento? Não exatamente. A proposta do Kindle/Amazon é simplesmente apostar na interface de transição gradativa, mesmo que isso entre em conflito com o avanço de algumas tecnologias mais eficientes, mas menos similares à leitura do livro típico. Por trás desse projeto está, certamente, a compreensão de que a Galáxia de Gutenberg tem quase seis séculos e a leitura da tradição é bem mais do que a manipulação de abstrações via um suporte qualquer. Aqui, McLuhan está sendo levado ao extremo quando afirmou coisas como “o meio é a mensagem” ou “o conteúdo de um meio é outro meio” ou, ainda, “todo meio é uma extensão de alguma capacidade humana psíquica ou física”. O processo da leitura é complexo e o livro passa a constituir-se como um todo em que o suporte físico e a representação abstrata da escrita mantêm uma relação especial e única. Uma especulação sobre a relação entre LI e LE e sobre as especificidades de ambos deveriam trazer maior compreensão aos argumentos anteriores. Veja-se o livro impresso e a questão da tactibilidade do papel: ele tem as marcas dos dedos do leitor, vai envelhecendo junto com ele, traz os riscos, as anotações e os autógrafos. Veja-se a sua sociabilidade. Exibe-se a sua capa, empresta-se para amigos, dá-se de presente como objeto personalizado. Veja-se, a intimidade do livro, ele tem seu cheiro, dorme-se lendo-o, deita-se sobre ele, lê-se no ônibus, ninguém o rouba, olha-se na estante e lá está ele, o tempo inteiro. Faz parte de seu escritório, foi um presente amoroso, cada vez em que é visto, relembram-se algumas de suas idéias e isso é um estímulo para se continuar lendo outros sobre o mesmo tema. Não se o trocaria por um exemplar mais novo. E por que não? Porque ele é personalizado, ele é seu, leitor e, se ele é seu, você é responsável por ele. Ele foi antropomorfizado. Ele faz parte de sua vida, e isso é intransferível. Por outro lado, imagine-se o livro eletrônico em sua natureza e suas perspectivas. Ele não compartilha, certamente, da vida de seu leitor da mesma maneira que seu homônimo impresso. Mas, na vida digital, outros valores começam a ser assumidos. Em sua

máquina, ou outra qualquer, pode-se lê-lo. Ele é rapidamente localizado e folheado, podendo-se identificar imediatamente qualquer palavra, passagem ou página. Ele pode ser aberto a atualizações constantes e infinitas, sendo, nesse sentido uma obra aberta, dinâmica, que não ocupa espaço privilegiado, podendo ser enriquecido com infinitos links, associado a imagens, vídeos, áudio, tudo numa forma de fantástica hipertextualidade. Pense em sua distribuição automática e universal. Ele pode ser produzido num dia e no mesmo poderá estar em qualquer ponto da terra. Pode-se enviá-lo de forma personalizada para uma pessoa, ou milhares, através de seu endereço eletrônico e ponto. Pode-se transferi-lo para outro suporte compatível, transformá-lo em caderno de anotações, PowerPoint, a pedagogia eletrônica de aulas e palestras. Dadas essas duas formas de convivência cultural com o livro, diferenciadas e ricas, afinal, o que se pode dizer, então, sobre um possível confronto entre LI e LE? Nada. Por que criar falsos confrontos, com a velha idéia do “isso exclui aquilo” a priori? Por que limitar a experiência existencial, cultural, de ambos os mundos, quando fazemos parte de uma natural e fantasticamente aguda transição? Quando nela, temos o privilégio de, no presente, enxergar o passado e o futuro de maneira fascinante. Os confrontos e o “Ceci tuera cela” de Frollo, apenas reavivam o lado mais obscuro de um darwinismo intelectual, a crença equívoca de que, mesmo na cultura, só os fortes devem sobreviver.

3 Universidade, Transição e Cultura Digital: do saibro ao kindle, a escrita é transcultural

A Universidade, do livro e da escrita, é um mundo paralelo, provavelmente o melhor deles, na paráfrase de Leibniz. Em primeiro lugar, porque ela se identifica com a própria história do conhecimento compartilhado, da cultura e da educação em suas origens primeiras. Ela tem com o livro e a escrita uma trajetória de intersecções. Pode-se dizer que, já na primeira forma de escrita na argila, o espírito do registro informativo é o sentimento de compartilhar conhecimento, de sociabilizá-lo, que não é outro senão o próprio espírito da Universidade. Ela se assenta na existência desses dois pilares, a escrita e o livro, e não por acaso tem suas origens institucionais na espiritualidade, agora luminosa, da Idade Média. A metáfora privilegiada é a Bíblia de Gutenberg, o Livro, o símbolo da difusão da obra impressa que atravessa os séculos no centro da produção de conhecimento. Os grandes homens dominaram a escrita e escreveram livros, dedicando-lhes a vida, tal o reconhecimento de seu valor transcendental. Nenhuma entidade humana talvez seja mais influente que o livro, no saibro ou no kindle. Por que colocá-los, LI e LE, à mercê de um confronto de interesses

estranhos? Por que supor uma dramática disputa entre papel e computador se ambos aceitam servir ao livro, e todos à escrita, versão da linguagem humana e sua natureza? Um intelectual legítimo está totalmente motivado, hoje, com a multiplicidade e riqueza de linguagens e de suportes, porque esse é o mundo civilizado das idéias e dos argumentos acessíveis e livres. A linguagem humana, inscrita no cérebro e contextualizada na sociedade, é o meio humano; a fala e a escrita suas imediatas formas de expressão. O saibro, o papiro, pergaminho, papel e chip, tudo instrumentaliza a escrita, porque ela é a mãe de todas as invenções na sua forma de tornar compartilhado o conhecimento. Ela é o símbolo da linguagem em sua forma mais trabalhada de reflexão. Fala-se, muitas vezes, sem pensar bem; mas raramente se escreve sem pensar. Não acidentalmente, os escritores querem deixar sua obra à posteridade. Pode-se dizer, metonimicamente, que o livro os imortaliza, que os seus escritos os tornam eternos. Mas não se diria que a folha de papel ou o Word 2007 os imortalizou. A questão do livro e da escrita na perspectiva da cultura digital está, na verdade, no centro de um debate mais amplo e profundo sobre as complexas relações entre universidade, ciência, cultura e educação. Os eixos da ética e da fé, subjacentes, é claro, a todas essas relações, implicariam reflexões redimensionadas e mais profundas, certamente. De modo que pensar o livro e seu papel na universidade, numa era de transição cultural forte como a nossa, é ir, necessariamente, para planos mais complexos. Nessa perspectiva, uma das complexidades da instituição universitária é o fato de que ela é o próprio espaço da transição. Seus compromissos com a pesquisa, ensino e extensão fazem dela um lugar onde presente, passado e futuro coexistem necessariamente. A história, a memória, o cotidiano, a inovação e a tecnologia estão num jogo de constantes interfaces. Nesse sentido, também, a obra original de séculos e a última versão de um e-book em um Cd encontram abrigo em sua dimensão editorial. É de sua preocupação salvaguardar aquelas relações construtivas que compatibilizam o mundo da técnica e o mundo do social. Cultura clássica e cultura digital convivem naturalmente na universidade e seus cenários futuros. Não poderia ser diferente numa instituição cujas atividades são essencialmente dedicadas à formação de pessoas que saibam ler, interpretar e produzir linguagens de seu tempo, com todas as suas fascinantes variações. Assim, livros impressos cuidadosamente mantidos nos acervos da biblioteca, e-books, enriquecidos com vídeos, blogs e hiperlinks, numa rede informativa e cultural nos computadores, são absolutamente compatíveis com a missão universitária. Lê-se, aritmeticamente um LI, navega-se, geometricamente um LE, os objetos e

produtos são aparentemente desiguais, mas a matemática é a mesma, a de interpretar símbolos e linguagens e apreender a produzi-los pedagógica e cientificamente.

Bibliografia:

CHOMSKY, N. *Knowledge of Language: its Nature, Origins and Use*, New York, Praeger Publishers, 1986

ECO, E. *A Obra Aberta*. São Paulo, Perspectiva, 1986

ECO, E. *Apocalípticos e Integrados*, São Paulo Perspectiva, 1990

ECO, E. *The Future of the Book*.

http://www.themodernword.com/eco/eco_future_of_book.html

FEBVRE, and [MARTIN](#), H. . *The coming of the book : the impact of printing 1450-1800*. London Verso, 1997.

FISHER, S.R. *A History of Writing*. London, Reaktion Books, 2005

FINKELSTEIN, D. *An introduction to book history*. New York: Routledge, 2005

MARTIN, H. *Les métamorphoses du livre*. Paris: Albin Michel. Praeger Publishers, 2004

MCLUHAN, M. *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*. Toronto: University of Toronto Press. 1962

MCLUHAN, M. *Understanding Media: The Extensions of Man*. New York: McGraw-Hill, 1964

MCLUHAN, M. *The Medium is the Massage: An Inventory of Effects*. New York: Bantam Books, 1967

The Center of the History of the Book <http://www.hss.ed.ac.uk/chb/>